

# Commemorações da Formatura dos Bachareis de 1936

Discurso do orador da turma

**ANTONIO CRISTOVAM FERNANDES Junior**

“Exmo. sr. reitor da Universidade; d. d. director da Academia; mestres amigos; srs. representantes do governo; minhas senhoras; meus senhores; collegas:

Esta hora é o alcance de um nobre objetivo, pelo trabalho de longos annos. E’ o symbolo de uma idéa que vence, de um sonho realisado, de uma persistencia que teve os louros do triumpho. E’ a cerimonia de um instante fugitivo que marca, no decurso de nossa vida, o episodio memoravel de um acontecimento. Não ha aqui ostentação de victoria concretisada. Paira mais alto o nosso escopo, e é mais puro o sentimento que nos move, ao relembrar esse passado venturoso de cinco annos, quando observamos novamente a estrada percorrida.

Vivemos, pois, a grande emoção de um momento inigualavel. Affirma Pierre Loys: “Mais doce do que a conquista é a esperanza, e mais doce do que esta é a saudade”. Ambas portanto nos alcandoram o espirito e o coração ás paragens do sublime.

\* \* \*

Que turbilhão de scenas perpassa na tela de nossa memoria! Quanta reminiscencia... Recordemos, collegas meus! Vivamos de novo: cantando, sentindo, soffrendo as emoções já experimentadas! Fechando os olhos, o milagre

da retrospectão faz com que a nossa alma vibre as mesmas vibrações de outróra. Por ella passa novamente o formigueiro dos veteranos endiabrados, maliciosos, ao som estridente das proprias gargalhadas, fazendo-nos temerosos daquelle ambiente com que viviamos sonhando durante a vida gymnasiana. Em nossa entrada, no cenaculo augusto, eramos saudados pelas assoadas dos mais velhos irmãos intellectuaes, que desejavam iniciar-nos no doce mistér da jovialidade academica. Assim, durante um immarcessivel quinquennio: a alegria ruidosa, o coração accessivel a todas as grandes coisas, vibrando com intensidade, á nobreza dos ideaes.

Soffremos, quando o vento da desgraça soprou em nossa terra. Protestámos sempre, quando a humilhação queiria espesinhar os dogmas sagrados da justiça.

A' sombra tutelar da velha Academia, ouviamos prazenteiros as lições profundas dos talentosos mestres. Com professores impressionaveis, e impressionantes criadores de belleza, tinhamos que progredir. Pois, o ensino requer arte. Sómente esta poderá dar á sabedoria um poder communicativo, agradável, dominador e irresistivel.

No começo, a incomprehensão. E era natural. Egressos dos estudos propedeuticos, em que o factor principal da intelligencia era baseado na memoria, a abstracção constante, a que nos obriga o direito, tinha que nos causar certa antipathia inicial pelas difficuldades de assimilação. Com a convivencia, porém, orientados e esclarecidos pelos mestres, as maravilhas da sciencia juridica começaram a empolgar-nos a attenção.

Logo de inicio, sentimo-nos attrahidos pelo dr. Spencer Vampré, espirito brilhante de jurista, que sabia comprehender a nossa bohemia estudantina, e nos introduzia com dedicação na floresta do direito, conforme se expressava o querido dr. Pacheco Prates. Em cada mestre viamos uma columna sustentaculo do centenario convento, organizado para o culto da Justiça Divina e predestinado, desde o inicio, a ser o templo de Themis, onde se formam apostolos da justi-

ça terrestre. Alli sempre floresceram os estudiosos, bohemios, poetas, jornalistas e oradores, destinados a constituir a parte refulgente da orographia intellectual do Brasil.

Desfilam pela nossa retentiva as arguições realizadas de surpresa, e os consequentes apuros. Mas, o sorriso benevolo do mestre salvava tudo. As noitadas de vespera de exame... Os nervos, antes das provas... E depois, a calma feliz, pela quasi certeza de se ter ido bem...

\* \* \*

Nas festas, nas manifestações, o verbo ardente de nosso paranympo, a sua natural eloquencia, a sua palavra sadia, dominando nossas almas e fazendo-nos satellites de seu talento.

Dr. Morato:

Quizemos prestar-vos esta homenagem, aclamando-vos paranympo da turma, no dia esplendido e inesquecível de vossa ultima aula. Era a admiração unanime que enaltecia uma verdade — os vossos dotes de espirito. Por onde passaes, fica o bem. Onde vibra vossa palavra, uma belleza se faz, colorindo e sonorizando o ambiente. A grandeza de vosso coração canta em todas as almas que comvosco privam.

\* \* \*

Sentimos, hoje, que um pouco de nosso intimo fica na Academia e ella multiplica o seu coração, como no milagre da Escritura, dando-o inteiro a cada um de nós.

A Academia é o buzio eterno da vida dynamica de S. Paulo. Na terra bandeirante está a força do Brasil. E quem regula e protege essa força é o espirito de justiça e a ambição de liberdade, inspirados no vetusto cenóbio do Largo de S. Francisco. Os cafezaes verdejantes que se estendem infinitos. O algodão, flócos de ouro branco para agasalhar os Continentes. O ruido dos teares. O apito das fabricas. As construcções que desafiam as alturas. As estradas que se multiplicam dia a dia. As locomotivas que

correm vertiginosas. O telegrapho e o radio da omnipresença. Os aviões que campeiam os ares. A vida paulista século vinte. A energia indomita destes titans do trabalho. Tudo, tudo está sob a cupula do direito haurido na Academia.

\* \* \*

Dos novos bachareis, que este anno vêem terminada a phase preparatoria de sua vida juridica, um não pôde vir. Não lhe permittiu o destino que se empolgasse, como nós, perante o scenario radioso que nos maravilha e deslumbra. Não recebe a onda sonóra que os applausos levantam no seio deste magnifico auditorio onde pompeia o escól vibrante da sociedade paulista, enlevado, pelo fervor da estima, ao mesmo jubilo commum. E' pesaroso, eu vos direi porque. Em 32, quando nós, calouros ainda, acudiamos pressurosos ao appello da justiça, muitos de nossos collegas foram... e não voltaram. Um era primeirannista. Chamava-se Ary. Da Paulicéa partiu, um dia, feliz e denodado, com o fito de ingressar nas fileiras da victoria. E não assistiu, como nós, ao repontar no Brasil a éra da Lei. Pertence agora a essa mocidade destemida que morreu sob as inspirações de Paes Leme e Borba Gato. Suas gottas de sangue, que salpicaram o sólo, tornaram-se puras, crystalisaram-se, e hoje são rubis encrustados na terra bandeirante, que reflectem o vermelho symbolico da justiça. Aconteceu com elle como acontece com o sol que se esconde nas dobras do crepusculo. E, desta maneira, resurge agora para tomar parte no quadro de formatura... Saudades... Ary Carneiro Fernandes.

\* \* \*

Sahimos da Academia orientados pelo saber de mestres eminentes. Temos consciencia do papel importante que nos cumpre realisar em face da inquietação profunda que domina o mundo. A coragem nos fará vencer. Para Carlyle, só ha uma derrota, é quando o individuo não tem confiança

em si mesmo. Em todas as agruras, havemos de nos comparar com os semelhantes, ao invés de nos julgarmos a nós próprios. Não nos ha de faltar fé em nosso destino, coragem para o trabalho e firmeza na perseverança. Nosso valor se conservará nos momentos felizes ou adversos. Sabemos que a verdadeira felicidade consiste em espalhar a alegria. Sorrindo, o mundo nos sorrirá, pois elle é o nosso espelho.

Embora o porvir se nos apresente em perspectivas sombrias, iremos para a luta como sahimos da Faculdade: joviaes e destemidos. Como armas, levaremos a firmeza de animo, a intrepidez e a crença em Deus. Estes sentimentos temol-os retemperados no tabernaculo da tradição e da justiça, no ninho da liberdade e do direito, na Academia de S. Francisco.

Pela raça a que pertencemos, ha em nós o instincto do direito e da liberdade, impregnado nas hemoglobinas de nosso sangue. No coração de todos, vibra o sentimento religioso. O respeito á lei e á nossa consciencia fará com que sejamos eternos defensores do fraco em face da oppressão do forte. Ha uma phrase celebre, que aqui reproduzimos, para evidenciar a magnitudè dá profissão que abraçamos: “O primeiro advogado foi o primeiro homem, que, com a influencia da razão e da palavra, defendeu o seu semelhante contra a injustiça, a violencia e a fraude”. O mundo não offerece espectáculo mais bello do que esse. Não se comprehende um povo livre onde não haja a supremacia da toga. E Hegel nos affirma a profunda verdade de que a historia da civilização não é mais do que a historia da liberdade. Eis a tendencia do Universo que, na sua trajetoria, ás vezes, é mergulhado em noites tragicas, mas nos ensina haver estabilidade sómente nos governos que temem a propria consciencia e respeitam os governados. Para isso, é necessario que o poder seja uma emanação da vontade popular, porque sómente o povo póde delegar a soberania, conforme os preciosos ensinamentos que nos inculcou no espirito o illustre admirador de Ruy e Duguit, o dr. Sampaio

Doria. É indispensavel, para a democracia, que se illumine a alma do povo com a luz do alphabeto. Assim teremos a disciplina, a energia, a grandeza e a consciencia civica. “Pela disciplina e pelo livro, pelo civismo e pela cultura intellectual”, dil-o Coelho Netto, “consequiremos a metamorphose da consciencia nacional”. Ao sahir da Escola, aparelhados com essas convicções, não poderemos imaginar para o nosso paiz forma alguma de dictadura. No Brasil não se coaduna com a alma do povo, a eliminção de toda e qualquer critica aos actos do governo e a mechanisação da opinção publica.

Tem-se generalizado na Europa, com reflexos na America, as revoluções de estructura, bem mais perigosas do que as que procuram subverter apenas os quadros. Essas ideologias abstrusas são em geral provenientes do fél dos desherdados, que trazem comsigo as maguas reprimidas de muitas gerações de párias. Chama-se communismo, o inimigo numero um da civilisação. A livre expansão da crença e do pensamento nelle não subsiste. A humanidade recua assombrada onde surge esse monstro destruidor da cultura social, que procura transformar o homem num elemento apenas numerico, sem personalidade, tolhido no desejo de produzir e prosperar segundo a sua tendencia. Essa doutrina, que nivela o homem aos irracionaes, materializando-o, não pode encontrar guarida em nossa terra. A religião, como a liberdade, estua persistente no cerne de nossa raça. Sob o fulgor do christianismo, a civilisação vem caminhando ha vinte séculos. Existe em nós a Fé, segundo a qual nem tudo no Universo é ephemero e transitorio. Quanto ao nosso elevado officio, o convivio do direito, o seu estudo continuo, nos acostumam a viver sob a luz da razão e em obediencia perenne á sua filha primogenita — a Justiça.

Só se comprehende a autoridade, a ordem e a liberdade sob a purpura da lei.

Vamos partir, caros mestres, como apóstolos do direito, ciosos das regalias de cidadãos livres, hauridas nas Arcadas do velho mosteiro franciscano. Saberemos assim reverenciar a memoria das maiores personagens da nobiliarchia intellectual do Brasil, que formaram seus espiritos na Faculdade de Direito de São Paulo.

Olhamos, hoje, surpresos, para os productos da intelligencia humana, e, maravilhados, quedamo-nos perante Deus, pelo conforto que nos proporciona. E' o telescopio revelando a grandeza infinita dos espaços e os innumeraveis mundos. A biologia, pelo microscopio, no estudo paciente dos infinitamente pequenos. A geologia conquistando milhões de annos atrás. A psychologia procurando desvendar os mysterios da alma. O homem inventando machinas preciosas para salvar a vida, ao lado de machinismos infernaes para dar a morte. E' a humanidade que se inflamma no dynamismo crescente de suas energias. O amor, que produz, e o odio, que destróe. Já não se concebe neste século um Goethe encyclopedico. Os conhecimentos são demais complexos, estensos e profundos para o cerebro humano tão pequeno.

O que nos alegra, pelo papel que nos cabe neste planeta, onde tudo significa trabalho incessante, é o mistér honroso do advogado. A advocacia é a protectora de toda a actividade que se exerce na terra. Onde se estabelece relação entre dois individuos, ahi se torna necessario o direito, afim de imperar a justiça. De todas as extraordinarias concepções do genero humano, ella é a maior. Solenne e majestosa, desafia os séculos. O exercicio da justiça é o espectáculo mais esplendoroso que na face da terra se apresenta. Em quasi todas as outras profissões, a luta se estabelece entre o homem e a natureza. Na advocacia, ha, em geral, um duello de intelligencias e capacidades. Havendo autor e réu, ha tambem, geralmente, dois advogados, no minimo, com objectivos em choque. Nossa carreira é essencialmente combativa e requer vocação acima de tudo. Defendendo

ou accusando, o advogado fala em nome da justiça, que tem por paradigma a Divindade.

Dahi as palavras eternas de Ruy:

“A defesa tem a sua religião, e ha na defesa momentos em que aquelle, que appella para a justiça, está na presença de Deus”.

A querida Academia, por intermedio de sua brilhante constellação de mestres insignes, ensinou-nos a viver pela liberdade e pelo direito.

Partamos, pois, collegas meus, afim de realisarmos o compromisso assumido.

“Impavidum ferient ruinae”.

— As desgraças, os contratempos da vida, nada podem contra o homem justo. — E’ a legenda de nosso quadro. Seja o lemma de todos nós.

Iniciemos a jornada para cumprir o singular destino desta geração. O alvorecer da vida pratica ordena a marcha intrepida em busca do ideal longamente acalentado. Sobraçando as taboas da lei, caminhemos firmes no designio de aproveitar todos os momentos da existencia: para, na luta em pról do direito, visar soberanamente Deus, o Brasil e a Liberdade”.